

Entrevista com Jane Patrícia Haddad*

Leitura obrigatória!

Para aprofundar o assunto aqui abordado e entender melhor o ponto de vista da psicopedagoga Jane Haddad, confira seu mais recente lançamento: *O Que Quer a Escola? Novos Olhares Resultam em Novas Práticas*, da editora WAK.

Reflexão

Eis uma das citações preferidas de Jane, para você pensar: "Somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las, e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos a nossa própria infância. Nossa amnésia infantil prova que nos tornamos estranhos à nossa infância" (Freud, 1900).

"Queixas não cabem mais na Educação"

Psicopedagoga provoca a discussão sobre o papel da Educação como processo de transformação do indivíduo – tanto daquele que aprende quanto daquele que ensina

Por Melissa Rossi

Para ela não há mais espaço para reclamações. Jane Haddad*, psicopedagoga que acaba de lançar um livro a fim de apresentar e discutir novos olhares sobre a Educação, acredita que é hora de novas práticas e possibilidades dentro da relação família-escola, aluno-professor. Em recente palestra concedida no 1º Encontro Guia Prático de Educação Infantil, realizado em maio último na capital paulista, Jane provocou uma importante reflexão sobre velhos, ultrapassados e estereotipados problemas que o docente insiste em apontar, mas parece nunca querer trocar as lentes para observá-los de outra maneira. A seguir, você confere detalhes e orientações valiosas da especialista.

Em diversas palestras, publicações e artigos seus, é destacada a necessidade de a relação professor-aluno ser revista e repensada. Quais pontos devem ser mudados? Acredito que a relação professor-aluno só aconteça de um para um, no olhar, no vínculo de confiança e respeito mútuo que deve ser construído passo a passo nas relações humanas. Como professora, preciso acreditar no que faço e entender como meu aluno pensa, como se desenvolve e paralisa diante do não saber. Percebo que não há compreensão disso. Em minha opinião, o que deve sempre sobressair do professor em relação a esse ou aquele aluno é o respeito aos diversos modos e formas de se chegar a uma resposta.

Muito se fala sobre distúrbios e dificuldades de aprendizagem. Os professores estão aptos a identificar problemas dessa dimensão? Como evitar a rotulação generalizada?

O professor consegue perceber no aluno uma desmotivação, uma agressividade que faz com que ele seja “rejeitado” pelos colegas. Agora, distúrbio é algo que deve ser identificado por médicos especialistas. Cabe aos professores e a família observarem e pedirem um diagnóstico, lembrando que a função real dessa avaliação é ajudar o aluno e nunca o limitar ao seu “rótulo”. Deve-se sempre tomar o distúrbio como ponto de partida para novas práticas e não como ponto de chegada. A dificuldade em torno dessas questões geralmente está ligada à área pedagógica, seja pela metodologia, didática ou dificuldade na relação com o professor. Minha sugestão é que os educadores vão além do estereótipo e descubram o que o aluno tem e não apenas o que lhe falta.

Você diria que os educadores estão desmotivados e menos intencionados a realizarem além do que o cumprimento do horário e conteúdo? Como reverter a situação?

É complicado generalizar. O que venho observando pelo Brasil e exterior é uma busca diária para um entendimento do que está acontecendo com a Educação — o que, em minha opinião, já é um movimento em busca de algo melhor. Como toda profissão, vejo muitos professores, aqueles que apenas ensinam, que permanecem em um discurso apenas denunciante de que nada serve e continuam apenas cumprindo horário. Mas vejo e conheço vários educadores que ensinam e aprendem, fazendo a diferença, buscando estudar, aperfeiçoar-se, e acreditando em sua função e profissão. Um caminho para se reverter essa insatisfação é lembrar que temos escolha. Afinal, se o salário é tão

baixo, vale destacar que nós, adultos, temos a opção de mudar de profissão, enquanto que, muitas vezes, as crianças e os jovens tenham talvez como uma das últimas oportunidades a passagem pela sala de aula. Queixas não cabem mais na Educação.

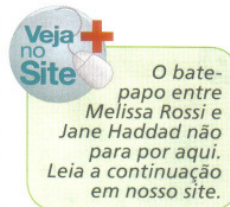
Em palestra concedida durante o 1º Encontro Guia Prático de Educação Infantil – Teoria em Prática, você provocou a reflexão sobre um novo olhar para a diversidade, alegando que cada aluno traz em si um histórico único e que fará a diferença na construção do aprendizado. Explique como isso reflete no processo de aprendizagem e como o professor deve levar isso em conta na avaliação de uma turma.

Acredito na transformação como um movimento de dentro para fora. O mundo mudou. Saimos de uma sociedade vertical, onde havia modelos claros — pai, mãe, patrão, família — para uma versão horizontal, cujo papel de autoridade está sumindo. Isso, em minha opinião, vem refletindo na escola, na família, nas relações. Em um mundo que classifica e massifica, como podemos pensar em um aluno-sujeito? Acredito que o caminho deve ser percorrido pela nossa mudança, olhar cada um de forma única. Aluno e professor precisam aprender mutuamente e isso acontece na relação dialógica, onde ambos trocam saberes. O conhecimento se constrói na mediação. Se o professor continuar acreditando que conhecimento é passado de forma vertical, ainda terá o cenário onde aluno finge que aprende e ele finge que ensina. Cada criança tem um

canal de comunicação, temos apenas que descobrir como chegar até ela. Por isso, a melhor forma de trabalhar a diversidade que existe em uma turma é respeitá-la e aproveitá-la para que haja integração, reconhecimento e valorização dessas diferenças — a mesma turma não deve ser avaliada com um único instrumento.

As crianças de hoje estão com falta de bons exemplos a quem se espelhar? Como deve ser construída a imagem de um professor ideal para que se estabeleça uma relação promissora, onde ambos – educador e aluno – sejam beneficiados?

Não acredito no modelo ideal de professor e, sim, em um modelo adulto, em que a referência deve vir dele como coerência entre aquilo que fala e o que faz. Nossas crianças estão precisando de autoridade, referências, horários e combinados, sim. Alunos e professores serão beneficiados se conseguirem estabelecer um verdadeiro vínculo afetivo de respeito.



O bate-papo entre Melissa Rossi e Jane Haddad não para por aqui. Leia a continuação em nosso site.

**Jane Patricia Haddad - Natural de São Paulo e residente em Belo Horizonte há 18 anos. Formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com especialização em Psicopedagogia pela UNI-BH e docência do Ensino Superior pela Newton de Paiva e formação em Psicanálise. Palestrante e Consultora. Ministra aulas no Curso de Psicopedagogia na UNI-BH como professora convidada. Autora do livro Educação e Psicanálise: Valor Existencial, lançado em 2008 pela editora WAK. Lançou em julho deste ano sua segunda obra: O Que Quer a Escola? Novos Olhares Possibilitam Outras Práticas, também pela editora WAK. www.janehaddad.com.br*